

(RE)EXISTIR NO BRASIL



TRAJETÓRIAS NEGRAS BRASILEIRAS



Secretaria de Comunicação Social
Centro Cultural

RACISMO É CRIME NÃO A RACISMO SIM A DIVERSIDADE

(Re)existir no Brasil

trajetórias negras brasileiras

Brasília, 20 de novembro de 2019

Da chegada dos primeiros navios negreiros, no século XVI, aos movimentos sociais do século XXI, a trajetória dos negros brasileiros tem sido de luta e resistência às chagas provocadas pelo longo período de escravidão, as quais hoje se revelam em forma de desigualdade e intolerância racial.

O Dia da Consciência Negra – criado em 1978 e celebrado em 20 de novembro como referência ao nascimento do herói Zumbi dos Palmares (1655-1695) – representa uma oportunidade de reflexão acerca da representação e condição social dos negros e negras brasileiros, dos desafios enfrentados e das conquistas duramente alcançadas em um país que ainda se mostra hostil à subsistência do estrato afrodescendente da população.

Se a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Igualdade Racial de 2010 significaram avanços importantes no combate à desigualdade racial, as estatísticas ainda demonstram que há um longo caminho a ser percorrido pelo Brasil no que diz respeito ao cumprimento de políticas públicas que tragam igualdade de oportunidades e possibilitem condições de vida dignas a negros e negras na sociedade brasileira contemporânea.

A exposição *(Re)existir no Brasil: trajetórias negras brasileiras* traça um breve panorama da resistência de negros e negras na história recente do país, bem como suas contribuições, conquistas e demandas.

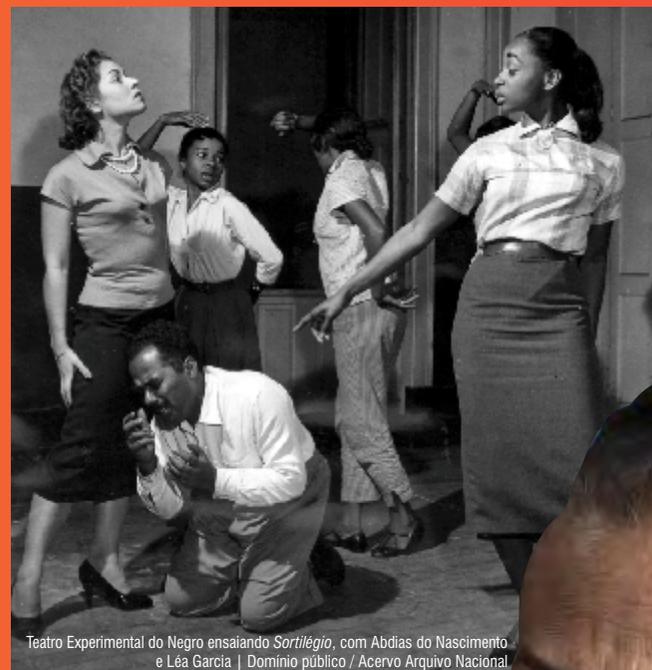
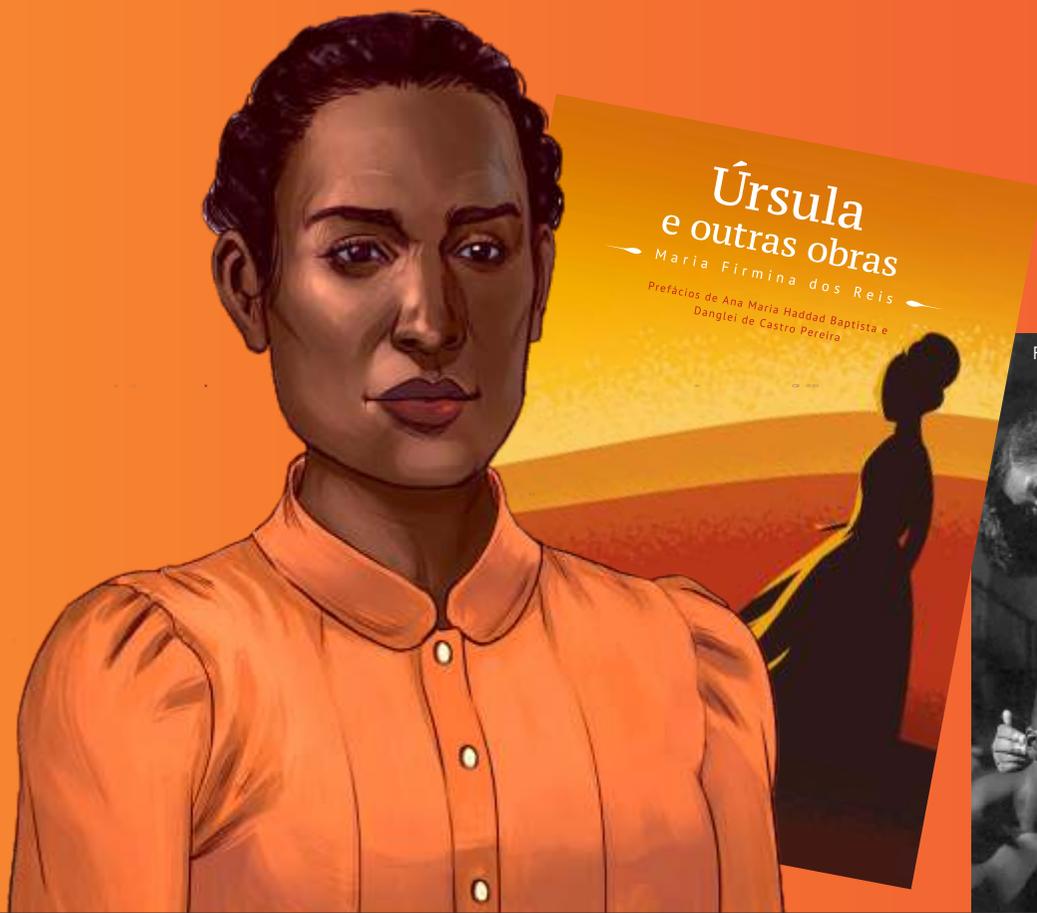
Raphael Cavalcante
Curador

O RECONHECIMENTO TARDIO DA PRIMEIRA ROMANCISTA BRASILEIRA

MARIA FIRMINA DOS REIS

(1822-1917), maranhense, mulher negra, filha de uma ex-escrava, viveu em São Luís, tendo se formado como professora das chamadas Primeiras Letras. A vivência intelectual fez com que Maria Firmina se tornasse a primeira romancista brasileira, com o lançamento de *Úrsula*, em 1854, romance pioneiro do Romantismo brasileiro. Nos últimos anos, a obra da escritora vem sendo resgatada, após um histórico de apagamento pelo cânone literário nacional.

A MUSA DA DRAMATURGIA



Teatro Experimental do Negro ensaiando *Sortilégio*, com Abdias do Nascimento e Léa Garcia | Domínio público / Acervo Arquivo Nacional



Funarte - Cedoc - Elenco da peça *O filho pródigo*, de Lúcio Cardoso



RUTH DE SOUZA (1921-2019) foi uma das maiores atrizes brasileiras, tendo iniciado sua carreira na década de 1940, sob os auspícios do **Teatro Experimental do Negro** (1944-1961), companhia de teatro criada por Abdias do Nascimento. Ruth de Souza se tornou a primeira atriz negra a atuar no então prestigiado e elitista Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1945. Para além dos palcos, Ruth também teve carreira aclamada na televisão e no cinema.

UM QUARTO DO TAMANHO DO MUNDO

O lançamento do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, em 1960, tornou-se um dos maiores acontecimentos literários brasileiros, tendo apresentado ao mundo o talento e a narrativa de **CAROLINA MARIA DE JESUS** (1914-1977). Na obra em formato de diário, Carolina conta sobre o cotidiano na extinta Favela do Canindé, na Zona Norte de São Paulo, trazendo suas impressões de mundo enquanto mulher negra, catadora e favelada que enfrentou o preconceito de classe e de cor e especialmente a fome, para conseguir criar os filhos com dignidade. Após algumas décadas de ostracismo, sua vasta obra tem sido mais bem divulgada, e Carolina Maria de Jesus hoje é considerada uma das maiores escritoras brasileiras.



Foto: Domínio público / Acervo Arquivo Nacional

Foto: Klaus Mitteldorf

Foto: Simon du Vinage

BLACK IS BEAUTIFUL

Antônio Viana Gomes, o **TONY TORNADO**, surgiu na cena artística nacional ao vencer a fase brasileira do V Festival Internacional da Canção, em 1970, com a canção *BR-3*, ao lado do Trio Ternura. No ano seguinte, acompanhou Elis Regina na música *Black is beautiful*, no mesmo festival, mas saiu algemado por ter sinalizado um punho cerrado em alusão aos Panteras Negras durante a apresentação. Por seu posicionamento político em tempos de ditadura, decidiu sair do Brasil. Tony também é ator reconhecido e foi um dos precursores dos ritmos funk e soul no Brasil.

*A gente corre
Na BR-3
E a gente morre
Na BR-3*

(Antonio Adolfo, Tibério Gaspar)

Foto: Domínio público / Acervo Arquivo Nacional

Foto: Rovena Rosa



AGITADOR CULTURAL EM JOÃO PESSOA

João Silva de Carvalho Filho (1960-2008), o **BALULA**, foi, em sua breve trajetória, uma das figuras mais singulares do cenário cultural de João Pessoa. Da presidência da Federação Paraibana de Teatro Amador à produção de desfiles de escolas de samba, Balula envolveu-se nas mais diversas artes, sempre hasteando a bandeira da igualdade racial e da luta pela dignidade do povo negro. A preservação da cultura era também uma das lutas do ativista, que chegou a exercer funções junto à Fundação Cultural de João Pessoa.

AFRICANIZANDO

Fundado em 1974, o **ILÊ AIYÊ** é o mais antigo bloco afro de Salvador. Comandado pela Band'Aiyê, já rendeu ao Carnaval da Bahia sucessos como *Que bloco é esse*, *Depois que o Ilê passar* e *Charme da liberdade*, entre outros. O Ilê também é uma entidade voltada à militância negra, tendo como objetivo preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira.

O **OLODUM** nasceu em 1979 e rapidamente conquistou espaço no Carnaval de Salvador, tornando-se uma importante organização no trabalho de preservação e disseminação da cultura afro-brasileira. Em 40 anos de existência, o bloco percussionista lançou vários sucessos musicais, nos cenários nacional e internacional. Dentre os destaques do repertório, estão canções como *Avisa lá*, *Vem, meu amor* e *Alegria geral*.



O CARNAVAL



Foto: Sidney Rocharte

Foto: Mateus Pereira

AS DAMAS DO SAMBA

TIA CIATA
1854-1924



Foto: Domínio público / Acervo Arquivo Nacional

DONA IVONE LARA
1922-2018



Foto: Natália Bezerra

Foto: Domínio público / Acervo Arquivo Nacional

CLEMENTINA DE JESUS
1901-1987



Foi na Praça Onze, na casa de **Tia Ciata** (Hilária Batista de Almeida, 1854-1924), um dos recônditos dos morros cariocas, que surgiram os acordes e batucadas do primeiro samba gravado em disco: *Pelo telefone*, no início do século XX. Quando o samba ainda era criminalizado por lei, Tia Ciata abriu as portas para acolher reuniões dos pioneiros do samba no Rio de Janeiro. O ritmo se apresenta até hoje como um verdadeiro panteão de mulheres que contribuem com voz, poesia, ancestralidade e resistência para a cultura popular brasileira.

JOVELINA PÉROLA NEGRA
1944-1998



Foto: Capa do disco *Sangue bom*

LECI BRANDÃO
1944



Foto: Acervo Leci Brandão

ALCIONE
1947



Foto: Marcos Hermes

A CASA DE ZUMBI

Criada pela Lei Federal nº 7.668, de 22 de agosto de 1988, a **FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES** foi um marco institucional importante no reconhecimento da herança cultural afro-brasileira. Sendo um dos pilares da história e da cultura brasileira, o legado africano esteve associado historicamente a algo menor diante da tradição europeia. Destaca-se, assim, a importância da fundação no implemento de ações voltadas à valorização de manifestações, à preservação da memória e da identidade dos cidadãos afro-brasileiros.



Foto: Carol Garcia



PÉROLAS

*Negro drama! Entre o sucesso e a lama
Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
Negro drama! Cabelo crespo e a pele escura
A ferida, a chaga, à procura da cura*
(Mano Brown, Edi Rock)

LUIZ MELODIA



Foto: Roberto Filho



RACIONAIS

NEGRAS

A música popular brasileira das últimas décadas do século XX foi marcada por manifestações expressivas de questões pertinentes ao povo afro-brasileiro. Do samba ao rap, do reggae ao funk, a negritude se fez sentir em ritmos e letras, imprimindo influências africanas, latinas, caribenhas e estadunidenses das comunidades locais. Protestos por respeito à história, à estética e à existência da população negra foram trazidos de forma poética e visceral.

CHICO CÉSAR



Foto: Klaus Mitteldorf

Foto: Simon du Vinage

SANDRA DE SÁ



Foto: Alex Carvalho

NA MINHA PELE

João Francisco dos Santos, o verdadeiro Madame Satã
Foto: Domínio público / Acervo Arquivo Nacional



O ator baiano **LÁZARO RAMOS**, oriundo do Bando de Teatro Olodum, é certamente um dos artistas mais bem-sucedidos da história recente do Brasil, com destaque no teatro, TV e cinema. A questão racial sempre esteve presente em suas declarações, trabalhos e, mais recentemente, em sua autobiografia. O papel que lhe rendeu projeção nacional veio da sétima arte. Trata-se do personagem-título de *Madame Satã*, filme de Karim Ainouz, de 2002, que retrata a vida de **João Francisco dos Santos (1900-1976)**, célebre e marginalizado transformista das noites cariocas.

MATRIARCA DA CULTURA IORUBÁ



Foto: Divulgação

Foto: Arquivo Fundação Palmares

Foto: Iberê Perissé

Maria Stella de Azevedo Santos (1925-2018), a **MÃE STELLA DE OXÓSSI**, foi uma das grandes representantes do candomblé baiano, ocupando o cargo de Iyalorixá do Ilê Axé Opó Afonjá. Ao longo da vida, teve grande atuação em prol da celebração e do reconhecimento da cultura iorubá a partir de intercâmbio com diversos países africanos e da posição que ocupava. Autora de diversos livros sobre a cultura iorubá, Mãe Stella foi eleita, em 2003, para a Academia Baiana de Letras.



TÁ FALTANDO PRETO NA CASA DE MACHADO DE ASSIS

Declaração da jornalista Flávia Oliveira para Ancelmo Gois (O Globo, 25/04/2018)

Historicamente marginalizada, a literatura produzida por mulheres negras tem ganhado cada vez mais destaque e reconhecimento público – graças aos esforços das próprias escritoras negras em divulgar suas obras de forma independente, ao surgimento de editoras e selos especializados e ao movimento de resgate de educadores e educadoras no Ensino Básico e Superior.

A prova do reconhecimento dessas narrativas em terras brasileiras se deu em 2018, com a anticandidatura de

CONCEIÇÃO EVARISTO à Academia Brasileira de Letras (ABL), escritora que ganhou notoriedade e torcida nas mídias sociais. Nascida em Belo Horizonte, Conceição possui longa carreira literária e obra de valor reconhecido e, como forma de protesto contra a falta de representatividade negra e feminina na entidade, decidiu não seguir os ritos tradicionais para ingresso na ABL. Conceição não obteve êxito, mas se tornou objeto da maior campanha popular pela eleição de um escritor para a ABL, além de ter inspirado uma nova geração de escritoras negras.



Foto: Amanda Oliveira



Foto: Walter Craveiro

DEUS É MULHER

Dona de uma das carreiras mais ricas e longevas da música brasileira, **ELZA SOARES** emergiu dos morros cariocas para o mundo. A vida repleta de reveses pessoais não foi capaz de silenciá-la ou macular sua trajetória. Elza sagrou-se como sambista, mas ao longo do tempo surfou por gêneros diversos. Nas duas últimas décadas, rendeu-se a novas sonoridades, tendo incorporado em seu trabalho nuances de música eletrônica e funk. Elza também se destaca por sua posição política em favor dos direitos humanos, da população negra e demais grupos marginalizados, o que tem se refletido desde o lançamento da música *A carne*, em 2002, até trabalhos mais recentes e ousados como *Mulher do fim do mundo* (2015), *Deus é mulher* (2018) e *Planeta Fome* (2019).



Foto: Callanga

A MULHER
DO FIM
DO MUNDO

RARA E PRECIOSA

As mídias sociais se tornaram plataformas relevantes para o debate da questão racial brasileira e também de denúncia do racismo. A rapper Joyce Fernandes, mais conhecida como **PRETA RARA**, é uma das vozes que tem trazido à tona temas caros ao povo negro: a relação com o corpo, a condição psicológica das mulheres negras e a iniquidade de empregos degradantes. Preta Rara foi responsável pela criação da página “Eu, empregada doméstica”, que agrega milhares de depoimentos de empregadas domésticas que já passaram por situações humilhantes. Os relatos da página renderam um livro homônimo.



Foto: Albert Caballe

UM PAÍS QUE NÃO TÁ NO RETRATO

A **ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA**, escola de samba fundada em 1928, é um dos maiores símbolos do Carnaval carioca. Lar de cantores e compositores emblemáticos como **Cartola (1908-1980)** e **Jamelão (1913-2008)**, a Mangueira é a segunda maior detentora de títulos do grupo especial das escolas de samba do Rio de Janeiro. Em 2019, sob a direção do carnavalesco Leandro Vieira, a escola sagra-se novamente campeã, a partir de um desfile extremamente politizado e crítico à história tradicional brasileira, reavaliando heróis nacionais e expondo toda sorte de opressões e desigualdades – do epistemicídio ao genocídio, motores da colonialidade – como as que acometeram e ainda acometem a população negra brasileira.

RACISMO É CRIME NÃO AORA



Foto: Domínio público / Arquivo Nacional

UM PARTIDO NEGRO

No pós-Abolição, ao longo da primeira metade do século XX, a **FRENTE NEGRA BRASILEIRA** (1931-1937), sediada em São Paulo, destacou-se como a mais proeminente entidade brasileira em prol dos direitos dos negros. A frente possuía um rol variado de atividades que ia desde cursos de formação política, artística e cultural até a publicação de periódicos. Em 1936, tornou-se partido político, sendo cassada, no ano seguinte, pelo Estado Novo de Getúlio Vargas, que extinguiu todas as organizações políticas da época. O fato representou uma grande lacuna no movimento negro brasileiro.

ACISMO SIMÃO DIVERSIDADE



Fotos: Reprodução

CONTRA A FARSA DA ABOLIÇÃO

O **MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO (MNU)** surgiu em São Paulo, no ano de 1978, quando o Brasil ainda vivia sob o regime da ditadura civil-militar. Foi criado em razão dos diversos casos de racismo no período e reuniu várias associações em torno de um movimento maior, que ficou marcado por um ato histórico nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo no dia 7 de julho do mesmo ano. Militantes da organização denunciavam a inconsistência da comemoração da Lei Áurea como símbolo de conclusão das opressões contra o povo afro-brasileiro e o mito da Democracia Racial. Este movimento evocou o Dia da Consciência Negra em contraposição ao 13 de maio — data em que foi assinada a Lei Áurea e que passou a simbolizar o Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo. O MNU existe até os dias atuais, configurando-se em importante entidade em defesa dos direitos dos negros e do combate ao racismo. O movimento está presente em 12 estados brasileiros. Milton Barbosa e Neusa Maria Pereira, membros fundadores, são alguns dos ativistas que militam há mais de quatro décadas pelo MNU.

RACISMO É CRIME NÃO AORA



Aervo Fundação Cultural Palmares | Fotógrafos: Luiz Alves e Pedro França
Acervo Superintendência do IPHAN em Alagoas
Fotos do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC)
Fotos da Serra da Barriga: Candice Ballester, Joelma Cornejo, Sandro Gama

O LEGADO DE ZUMBI

O aparecimento dos quilombos durante o Brasil Colônia indica que a opressão sobre os negros escravizados não ocorreu sem resistência. De todos, o Quilombo dos Palmares é o mais destacado do período colonial, haja vista a sua perpetuação em mais de um século, resistindo a ataques diversos. Palmares também foi a seara de heróis negros reconhecidos, como **Ganga Zumba** (1630–1678) e **Zumbi dos Palmares** (1655–1695), o maior líder negro da história do Brasil, cuja data de falecimento, 20 de novembro, ensejou o Dia da Consciência Negra. A Serra da Barriga, que sediou o Quilombo dos Palmares, localizada no atual estado de Alagoas, foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1986.



Desenho de Thiago Oli representando a organização espacial do Mocambo dos Macacos – Serra da Barriga.

A CARTA DO POVO

O advento da Constituição Federal de 1988, após mais de duas décadas de ditadura, representou um grande avanço para os direitos humanos no Brasil. Houve reivindicação pelo reconhecimento da desigualdade racial, pela criminalização do racismo e ocorreu o pontapé para diversas iniciativas legislativas que pudessem trazer políticas públicas inclusivas. A Assembleia Nacional Constituinte, criada em 1987, pôde contar com a participação de importantes lideranças negras.

"Estou presente nesta Assembleia, pela primeira vez, na condição de mulher, de negra e de favelada."

(Deputada constituinte Benedita da Silva, **Diário da ANC**, sessão de 19 de fevereiro de 1987, p. 363)

Deputados constituintes Edmilson Valentim, Carlos Alberto Caó, Benedita da Silva e Paulo Paim

Dep. Benedita da Silva



Fotos: Arquivo da Câmara dos Deputados



Dep. Eraldo Trindade



Dep. Edmilson Valentim



Dep. Paulo Paim



Dep. Carlos Alberto Caó de Oliveira



Dep. Antônio de Jesus

RACISMO É CRIME NÃO AORA

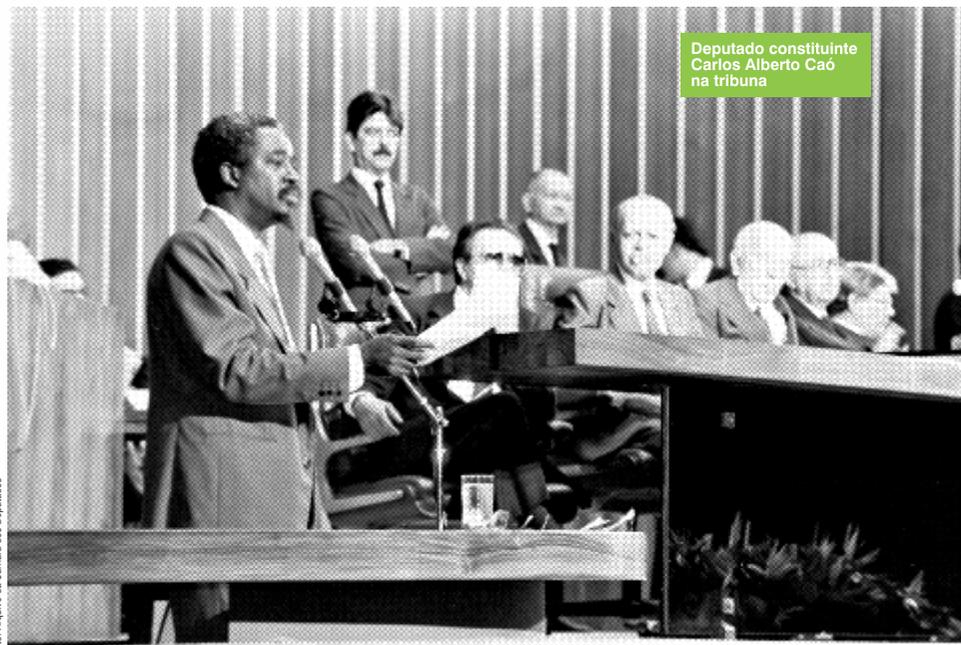


Foto: Arquivo da Câmara dos Deputados

A LEI CAÓ

A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, batizada como Lei Caó por ter origem no projeto de lei de autoria do deputado Carlos Alberto Caó de Oliveira (1941–2018), tipifica os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. A norma também prevê as penas a serem aplicadas em cada um dos crimes, as quais podem ser de até cinco anos de reclusão. A Lei Caó representa uma iniciativa efetiva do Estado no combate à chaga do preconceito racial e do racismo.

OS FILHOS DE ZUMBI

Em 1995, a **Marcha Zumbi** reuniu cerca de 30 mil pessoas em Brasília, por ocasião dos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares. O movimento reivindicou ao presidente Fernando Henrique Cardoso a adoção de políticas públicas efetivas de combate à desigualdade racial, além de denunciar os males trazidos pelo racismo e pelo preconceito. Diante da pauta, o mandatário assinou o decreto que instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra.



Foto: Reprodução



Foto: Reprodução via Memorial da Democracia

O ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANAS NAS ESCOLAS

A **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), teve a intenção de preencher uma lacuna incômoda na grade curricular obrigatória do Ensino Fundamental e Médio: a ausência da história e da cultura africana e afro-brasileira, apagadas em favor de uma narrativa histórica essencialmente eurocêntrica. A norma, no entanto, tem encontrado dificuldades de implementação ampla nas escolas, sendo a sua aplicação ainda muito dependente da ação individual de professores.



A ASCENSÃO E QUEDA DO MINISTÉRIO DOS NEGROS

A **Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir)** foi um órgão do Poder Executivo do Brasil com status de ministério, instituído pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em 2003. A secretaria teve o objetivo de promover a igualdade e a proteção de grupos raciais e étnicos afetados por discriminação e demais formas de intolerância, com ênfase na população negra. A partir de 2015, a Seppir foi incorporada pelo novo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, que por sua vez, em 2019, deu lugar ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. A perda de *status* da Seppir representa um retrocesso na gestão de políticas públicas voltadas para a igualdade racial.

2003 – 2019



ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL 2010

O **Estatuto da Igualdade Racial** (Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010) originou-se de um projeto de lei de autoria do senador Paulo Paim, tendo sido promulgado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A lei consiste em um conjunto de diretrizes para o combate à desigualdade e à discriminação raciais. Trata-se do dispositivo legal mais completo acerca do combate à desigualdade racial já editado no Brasil.

VAI TER PRETO NA UNIVERSIDADE

Um dos principais pleitos do movimento negro sempre foi a igualdade de oportunidades na educação para a população negra. A pauta adquiriu cada vez mais evidência ao longo da década de 1990, desencadeando reivindicações por cotas raciais nas instituições de ensino superior público, hegemonicamente brancas. Dados do IBGE revelam que, no ano 2000, o percentual de pretos e pardos que concluíram a graduação era de apenas 2,2%. A Universidade de Brasília foi a primeira universidade pública federal a adotar o sistema de cotas raciais, em 2004. A questão seguiu envolta em polêmicas nos anos subsequentes, culminando na Lei nº 12.711, de 20 de julho de 2012, promulgada pela presidente Dilma Rousseff, que instituiu cotas em todas as instituições públicas de ensino superior da esfera federal, a partir de critérios raciais e socioeconômicos. Em 2017, o Supremo Tribunal Federal garantiu a constitucionalidade da legislação. Naquele ano, o número de estudantes pretos e pardos que concluíram a graduação saltou para 9,3%, um total quatro vezes maior em comparação ao ano 2000..

Foto: Instituto Steve Biko



FILHAS DE DANDARA

A força das mulheres negras brasileiras é secular. Foram elas que estiveram à frente de muitos atos de resistência contra a escravidão legitimada, o que nos remete às figuras legendárias de Dandara dos Palmares, Tereza de Benguela e Luiza Mahin. Na contemporaneidade, também são as mulheres as responsáveis por chefiar inúmeras famílias, muitas vezes, sem a presença dos genitores de seus filhos. Em anos recentes, a partir de 2015, o empenho político das mulheres negras culminou na **Marcha das Mulheres Negras**, protesto replicado em diversas cidades com o objetivo de lutar contra o racismo, a violência e a desigualdade racial.

Fotos: Janine Moraes

Foto: Marcello Casal Jr

Foto: Tiago Zenero

Foto: Marcello Casal Jr



Foto: Marcello Casal Jr



O GENOCÍDIO DA POPULAÇÃO NEGRA

O Atlas da Violência, editado pelo Instituto de Pesquisa Econômica (Ipea), revela que a desigualdade racial no Brasil se expressa de modo cristalino no que se refere à violência letal e às políticas de segurança pública. Os negros, especialmente os homens negros jovens, são o perfil mais frequente das vítimas de homicídio no Brasil, sendo muito mais vulneráveis do que os jovens não negros. Por sua vez, os negros são as principais vítimas da ação letal das polícias e o perfil predominante da população prisional do Brasil. A taxa de homicídio de mulheres negras também é assustadoramente maior do que a de mulheres não negras.

Negros e negras também estão mais propensos a sofrer com a deficiência estatal no oferecimento de serviços públicos básicos. As condições socioeconômicas de vulnerabilidade e o racismo institucional ajudam a explicar a mortandade.

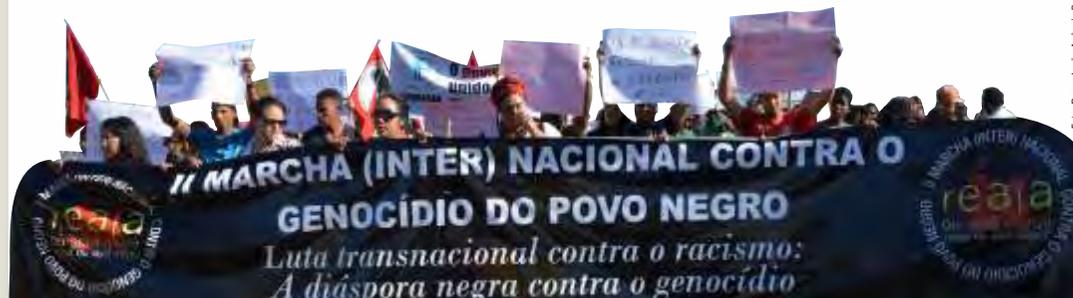


Foto: Reprodução Agência Brasil

ATUAÇÃO PARLAMENTAR

A 56ª Legislatura conta com 21 deputados autodeclarados pretos, o que ainda denota uma sub-representação do grupo (4,09%) diante do total de 513 parlamentares. Em comparação à penúltima legislatura, houve o acréscimo de 5% da bancada negra.



Dep. Benedita da Silva | Foto: Michel Jesus



Dep. Hélio Lopes | Foto: Michel Jesus



Dep. Sérgio Vidigal | Foto: Vinícius Loures



Dep. David Miranda | Foto: Luis Macedo



Dep. Márcio Marinho | Foto: Cléia Viana



Dep. Damião Feliciano | Foto: Pablo Valadares



Dep. Sílvia Cristina | Foto: Cléia Viana



Dep. Valmir Assunção | Foto: Luis Macedo



Dep. Osseio | Foto: Pablo Valadares



Dep. Abilio Santana | Foto: Cléia Viana



Dep. Antonio Brito | Foto: Vinícius Loures



Dep. Bira do Pindaré | Foto: Luis Macedo



Dep. Áurea Carolina | Foto: Vinícius Loures



Dep. Professor Joziel | Foto: Michel Jesus



Dep. Orlando Silva | Foto: Cléia Viana



Dep. Rosângela Gomes | Foto: Pablo Valadares



Dep. Tairia Petrone | Foto: Pablo Xanter



Dep. Vicentinho | Foto: Pablo Valadares



Dep. Leonardo Monteiro | Foto: Michel Jesus



Exposição (Re)existir no Brasil
Trajetórias Negras Brasileiras

CÂMARA DOS DEPUTADOS	COORDENAÇÃO DO PROJETO
MESA DIRETORA	Secretaria de Comunicação Social
PRESIDENTE	Centro Cultural Câmara dos Deputados
Rodrigo Maia (DEM/RJ)	SECRETÁRIO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
1º VICE-PRESIDENTE	Fabio Schiochet (PSL/SC)
Marcos Pereira (PRB/SP)	DIRETOR EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
2º VICE-PRESIDENTE	David Miranda
Luciano Bivar (PSL-PE)	DIRETORA DO CENTRO CULTURAL
1ª SECRETÁRIA	Isabel Martins Flecha de Lima
Soraya Santos (PR/RJ)	NÚCLEO DE HISTÓRIA, ARTE E CULTURA COORDENAÇÃO
2º SECRETÁRIO	Clauder Diniz
Mário Heringer (PDT-MG)	CURADORIA
3º SECRETÁRIO	Raphael Cavalcante
Fábio Faria (PSD/RN)	PRODUÇÃO
4º SECRETÁRIO	Lucas Ramalho e Bethania Gomes
André Fufuca (PP/MA)	REVISÃO
SUPLENTES	Maria Amélia Elói
Rafael Motta (PSB/RN)	PROJETO GRÁFICO
Geovania de Sá (PSDB/SC)	Ely Borges
Isnaldo Bulhões Jr. (MDB/AL)	MONTAGEM E MANUTENÇÃO DA EXPOSIÇÃO
Assis Carvalho (PT/PI)	André Ventorim
	Edson Caetano
	Paulo Titula
	Wendel Fontenele
	MATERIAL GRÁFICO
	Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA
	IMPRESSÃO E ADESIVAGEM
	WL Serviços
	AGRADECIMENTOS
	Sandra Mari Santana
	TV Câmara
	Centro de Documentação e Informação - Cedi

Informações: 0800 619 619 – cultural@camara.leg.br
Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados
Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70160-900 – Brasília/DF
<http://www.camara.leg.br/centrocultural>
Brasília, novembro de 2019

RACISMO É CRIME NÃO A RACISMO SIM A DIVERSIDADE



Secretaria de Comunicação Social
Centro Cultural